

# Querem lá saber!



EDUARDO SÉRGIO

Em tempos de crise, as atenções dos portugueses viram-se cada vez mais para o que é fútil e desnecessário. A violência doméstica e o futebol também estão no topo dos interesses nacionais. Os sociólogos não ficam surpreendidos com esta tendência: perante tantas dificuldades, é normal que o ser humano se alheie do que é importante e se refugie em banalidades.

Quem nunca abrandou na estrada para ver um acidente que levante o braço. Quem nunca veio à janela ver de onde é que se grita, que atire a primeira pedra. O ser humano é assim mesmo. E os portugueses não são excepção. Numa altura de grave crise económica, as conversas de café e as capas dos jornais andam sempre à volta do mesmo: o futebol, a “Casa dos Segredos”, as tragédias de faca e de alguidar e pouco mais. Quando a crise aperta, só o sangue, o suor e as lágrimas nos entretêm.

O pior é que nada disto é anormal. Os sociólogos estudam o fenómeno e até arranjaram um daqueles nomes impronunciáveis para o classificar: chamam-lhe “Schadenfreude” – uma palavra de origem alemã, que é também usada noutras línguas, para designar o sentimento de alegria ou prazer pelo sofrimento ou infelicidade dos outros. O sociólogo Elísio Estanque, do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, diz que é normal que assim seja.

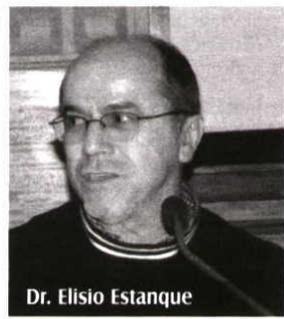
“O clima económico negativo reflecte-se na saúde mental”, explica o especialista, que adianta que, “com o agravamento das condições económicas, é natural o agravamento das condições mentais do indivíduo”. Há, diz, “uma tendência natural dos indivíduos para a fuga”, ou seja, preferem outra realidade que não a que lhes toca de verdade. Elísio Estanque recorda que é um dado adquirido que “o mal do meu vizinho faz-me sentir melhor comigo próprio”. O que “acaba por ser natural”, avança o sociólogo, uma vez que “o ser humano fica reconfortado quando vê alguém em pior situação”.

As páginas de jornais com crimes e sangue são, por isso, as mais consultadas. Muitas vezes de forma inconsciente. Elísio Estanque recorda que “os indivíduos são propensos a ter uma tendência para a fuga, para a alienação, e essa “alienação é deliberada e consciente”. Em tempos como os que correm, é natural que cada um “canalize a atitude para outras formas de evasão e fuga mental”, que não os impostos, os cortes e a austeridade. A “situação dramática” que o País atravessa “ajuda a esses desvios”, conclui o sociólogo.

Mas o pior ainda pode estar para vir. Tome-se o exemplo da

Grécia. Diz um estudo da Universidade de Cambridge que a austeridade fez eclodir uma grave crise social na Grécia, onde os casos de depressão aumentaram, o abuso de drogas e a prostituição dispararam para valores nunca vistos, ao mesmo tempo que aumentam também os casos de HIV. Pode ser a fase seguinte para Portugal. O sociólogo Elísio Estanque também o teme. Se bem que, para já, prefira dizer que “cada país tem as suas especificidades”, embora admitindo que “há tendências humanas universais”. O sociólogo afirma também que não há dúvidas de que, “perante problemas graves, aparece sempre um sentimento de frustração”. Ou seja, é “natural que patologias desse tipo comecem a expandir-se em Portugal”.

Voltando à Grécia, o estudo diz que numa altura em que a taxa de desemprego ultrapassa os 16 por cento, e com o agravamento dos problemas financeiros, os gregos estão a ficar com o estado de espírito e a saúde mental afectados. Depois de a “troika” ter entrado pelas ilhas, os suicídios subiram 17 por cento. A violência e os homicídios aumentaram também e os assaltos quase subiram para o dobro. As infecções por VIH dispararam 52 por cento em 2011, quando comparadas com o ano anterior. E a maior parte dos casos está associado ao aumento do consumo de drogas: só o uso de heroína aumentou 20 por cento. Outras das razões apontadas para este aumento são a prostituição e o sexo sem protecção. Os últimos dados apresentados em Portugal dão conta que a prostituição também está a aumentar no nosso País. Nas capas dos jornais, ainda na semana passada se podia ler que mulheres casadas e mães de filhos caem na prostituição para poderem pagar as contas. ■



Dr. Elísio Estanque